

# **GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**

**Franciane M. R. Dias**<sup>1</sup>

**RESUMO:** Atualmente, as instituições de ensino são vistas como empresas pelo seu modelo de gestão e mudança é a palavra de ordem no mercado de trabalho neste século XXI. A instituição de ensino superior (IES) que não gerir sua entidade de acordo com as transformações deste novo perfil mercadológico, estará fadada ao fracasso. Neste contexto, a interdisciplinaridade ressurgiu como alternativa de apoio para a gestão da educação, absolutamente compatível com a velocidade das transformações na atualidade. Nesta perspectiva, este artigo tem como objetivo, abordar o ensino superior em turismo sob a ótica do seu planejamento, refletindo sobre a implantação de um modelo de gestão interdisciplinar, levando-se em consideração o turismo como campo de estudo de várias ciências.

**Palavras-chave:** turismo – interdisciplinaridade – gestão – educação – IES

## **Introdução**

No final do século XX e início do século XXI, as organizações de modo geral, enfrentaram e continuam enfrentando, um ambiente caracterizado pela incerteza, gerado por uma impressionante velocidade de mudança na sociedade atual. A inovação tecnológica, os novos paradigmas de gestão entre outros fatores, alteram significativamente as estruturas nos campos da educação, da informação e do conhecimento, num processo irreversível.

Para essas mudanças profundas que estão ocorrendo, em especial no setor educacional, grande parte das Instituições de Ensino Superior (IES) ainda não estão devidamente preparadas

---

<sup>1</sup> Licenciada em História UFPEL/ Pós-Graduada Turismo PUCRS/ Mestranda Turismo UCS

para enfrentar certas “turbulências”. O futuro das profissões e do mercado de trabalho estão em ebulição. Profissões tradicionais estão desaparecendo e novas oportunidades surgindo, como o setor de turismo, por exemplo, que desponta nas pesquisas entre as profissões do futuro.

## **1. Mudança Organizacional**

As IES públicas ou privadas, também são organizações, cujo sistema de gestão é similar à qualquer empresa de prestação de serviços, diferenciando-se, apenas, na natureza do produto.

Assim sendo, também deve estar atenta ao ambiente externo, suas mudanças e ameaças e estar aberta para acompanhar o ritmo das transformações na sociedade contemporânea, em sintonia com os avanços pedagógicos e desenvolvimento epistemológico da ciência.

Para que processos de mudanças sejam bem-sucedidos é preciso ser concebido como parte integrante de potencialidades individuais e coletivas, sendo administrado de forma a obter dos envolvidos o máximo de seus conhecimentos, colaboração e compromisso, pois elas em geral, instabilizam e momentaneamente desorganizam o ambiente com a chegada do novo.

Mas, como dinamizar as estruturas das IES e adaptá-las a este novo mercado de trabalho em expansão? Abrindo as mentes e o coração para um novo paradigma em educação e uma nova forma de gestão, levando-se em conta o fato de que toda a organização é composta por pessoas que devem apoiar e compartilhar desta nova visão de futuro e assumir junto com a instituição as responsabilidades no planejamento e execução das melhorias nos projetos educacionais. De acordo com Duck (1999), o novo paradigma gerencial ensina que gerenciar pessoas é gerenciar sentimentos.

Para a implementação de mudanças a parceria é a palavra de ordem, seguida do diálogo, num modelo de gestão participativo e integrado. Dificilmente haverá coalizão, comprometimento e cumplicidade no processo quando as mudanças são impostas de “cima para baixo”. “Na empresa viva, coesão e diversidade coexistem. A empresa é claramente uma unidade com identidade própria; no entanto, as pessoas e subestruturas contidas nessa unidade mostram uma rica variedade. A composição de cada uma é diferente da composição das demais; elas têm diferentes características e diferentes potenciais. Todas, no entanto, fazem parte de um grupo coeso” (Geus: 1998:93). A instituição de ensino deve compreender que a necessidade de mudança diante de um novo mercado de trabalho vai precisar que todas as pessoas envolvidas possam, juntas, construir um novo conceito em educação, apesar das diferenças.

## **2. Gestão da Interdisciplinaridade**

Embora a discussão sobre interdisciplinaridade não seja nova, uma vez que seus primeiros estudos no Brasil remontam a década de 70, sua implementação nas instituições de ensino, sobretudo, nas de ensino superior, ainda não se efetivou plenamente. O próprio conceito de interdisciplinaridade ainda está em construção, mas de acordo com Lück (1994), podemos dizer que “Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.”

Como se vê, a interdisciplinaridade ainda é algo muito atual e relevante no que diz respeito ao resgate da formação integral do homem, tendo em vista a fragmentação que o ensino vem sofrendo historicamente. Fala-se muito sobre o tema, porém, não o tratam como intrínseco e fundamental no desenvolvimento e apreensão do conhecimento. Conforme Dencker (2002:73) “A interdisciplinaridade coloca em confronto valores e conceitos, permitindo o desenvolvimento de uma consciência crítica e incentivando a formulação de soluções criativas” . Nessa perspectiva, se faz necessário um olhar mais profundo sobre esta formação.

Também nas universidades, a forma como os currículos estão organizados, percebe-se uma preocupação geral em oferecer aos alunos uma visão global e seqüencial das disciplinas de forma que umas sejam pré-requisitos de outras. Contudo, essa preocupação não se estende até o conteúdo das disciplinas. Falta uma ligação entre elas, que leve o aluno a trabalhar o conteúdo temático de cada disciplina, com foco no conjunto. Embora essa situação seja comum à estrutura educacional como um todo, na universidade agrava-se mais devido à sua rigidez funcional e organizacional. Segundo Dencker (2002:58) “Nesse contexto, às vezes, as novas organizações particulares de ensino mostram-se mais ágeis na produção de respostas para atender às demandas emergentes justamente por não terem ainda consolidado suas estruturas”.

Algumas instituições procuram formas inovadoras de ensino, até com propostas interdisciplinares, mas, por desconhecer seus pressupostos, acabam impondo aos educadores que executem determinado projeto, o que em geral, acaba não funcionando, pois o desconhecimento da proposta acarreta certas resistências ao ter de “dividir o seu conhecimento” com outros e acabam uns trabalhando pelos outros.

Mas, como trabalhar a interdisciplinaridade se nem mesmo os professores tomaram conhecimento de seu real significado e suas possibilidades? Uma das formas, para começar, seria uma redefinição das diretrizes das instituições. Como a interdisciplinaridade exige mudanças radicais, a flexibilidade para o novo em nível de gerência, é condição fundamental para sua im-

plementação, do contrário, a mesma será vista como uma ameaça a estabilidade, nunca como uma possibilidade.

A efetivação da interdisciplinaridade depende de vários fatores, tais como a comunicação, comprometimento, criatividade, parceria, humildade, criticidade, dedicação e estes, são limitados no espaço universitário, principalmente, pela sua compartimentalização. Como demonstra Lücke (1994:80) “Reconhece-se que, para o desenvolvimento da interdisciplinaridade, é fundamental que haja o diálogo, engajamento, participação dos professores na construção de um projeto comum, voltado para a superação da fragmentação do ensino e de seu processo pedagógico”.

Embora aceita intelectualmente, a interdisciplinaridade gera resistência, não somente pelo medo do desconhecido, de enfrentar a crítica na construção algo que ainda não foi feito, mas pelo rompimento de posições confortáveis e cristalizadas dentro da instituição. “Em qualquer parte do corpo do hospedeiro corporativo também podem existir parasitas destrutivos. Talvez sejam indivíduos excluídos ou até mesmo pessoas em posição de poder, porém planejando sua saída sob suas próprias condições. O poder pode ser usado para manipular a definição do ‘nós’ em prol da estratégia de uma pessoa”. (Geus, 1998:155).

Assim sendo, cabe às instituições de ensino, o papel de gerir estas resistências com sabedoria, uma vez aceito o desafio da desconstrução de uma educação decadente, em busca de um ensino em sintonia com uma nova realidade emergente.

### **3. Turismo e Interdisciplinaridade**

O turismo, como promissora área em ascensão, desponta no cenário educacional como uma das graduações mais bem disputadas dos vestibulares, multiplicando-se a oferta destes cursos em todo o país.

Em recente matéria publicada na Revista Eletrônica Aprender Virtual (set/out 2002), foram pesquisadas mais de cem fontes de informações sobre as principais tendências mundiais para o mercado de trabalho e das profissões. Conforme a pesquisa, além de novas profissões estarem surgindo, as profissões mais tradicionais também estão se modificando, ampliando seu próprio leque, adaptando-se em um mercado globalizante. A mesma pesquisa aponta as profissões do futuro e quais as áreas com maior probabilidade de crescimento, entre elas encontram-se o turismo e a hotelaria, entre outras.

Neste contexto, é de fundamental importância que a educação em turismo não seja vista somente como “modismo” pela sociedade ou como oferta lucrativa pelas IES. Levando-se em conta que, o tradicional mercado de trabalho cedeu lugar a novas competências e habilidades, mudando o perfil do profissional para este novo século, a educação do turismo também precisa

responder a esse novo desafio, onde cada vez mais os profissionais estão sendo recrutados pela sua capacidade de trabalhar em equipe, com indivíduos de formação diversas juntando-se a outros profissionais com características complementares. Ruschmann (2002:5) é de opinião que “as responsabilidades do profissional moderno, além daquelas que abrangem o conhecimento pleno de sua atividade, envolve questões referentes à reciclagem constante, adaptação, modificação e até tomada de decisões pioneiras”.

Isto demonstra que a preparação dos educadores devem incluir técnicas que incentivem os alunos à cooperação e ao trabalho em grupo e, para tal, é necessário que eles mesmos as desenvolvam. Paralelamente, é responsabilidade da instituição dar suporte para que isto aconteça, efetivando assim, a interdisciplinaridade, em consonância com a formação deste novo profissional e comprometida com a prática pedagógica, pois, continua Ruschmann (2002:11) “ao trabalhar com turistas, o profissional tem em suas mãos uma parcela da felicidade das pessoas, representada por suas atividades de lazer e suas férias, um tempo ‘mágico’, fora do local e das tarefas da existência habitual. Trata-se de uma responsabilidade muito grande...” que deve ser compartilhada por todos, principalmente pelos responsáveis pela formação daqueles que irão dispor do tempo livre conquistado por estas pessoas.

Complementando, nas palavras de Ansarah (2002:28): “Também é responsabilidade das instituições de ensino proporcionar a base para seus estudantes tornarem-se cidadãos bem informados e motivados que procuram soluções para os problemas da sociedade e aceitam suas responsabilidades sociais”. Desta forma, as IES estarão respondendo às suas responsabilidades sociais na formação profissional integral para atuação neste mundo globalizado.

#### **4. Proposta Interdisciplinar para o Ensino do Turismo**

O ensino do turismo, levando-se em consideração a própria dinâmica de sua organização, segundo Beni (2000:37) “ligado, praticamente, a quase todos os setores da vida social humana...”, seria pertinente que também fosse ministrado em forma de rede, já que é produtor de múltiplas inter-relações que se desdobram.

O ensino superior, devido à sua compartimentalização, já anteriormente abordado, traz alguns problemas, em especial ao ensino do turismo, na medida em que sua fragmentação compromete também a compreensão da complexidade do fenômeno turístico, tanto pelos alunos quanto pelos professores, comprometendo uma formação superior de qualidade, entrando em choque com o perfil profissional exigido por esse novo mercado que ora se instaura.

É bastante comum os professores dos cursos de turismo, em geral, não se conhecerem devido à constantes trocas por seus departamentos de origem a cada semestre que se inicia; tam-

bém é fato não terem claro as propostas do projeto pedagógico do curso; terem desconhecimento da bibliografia aplicada ao turismo específica de sua disciplina; inexistência de produção científica na área; pouca participação em eventos do setor e falta de oportunidades para troca de informação e experiências entre si. Em sua dissertação de mestrado, Renê C. Nascimento, em suas conclusões finais, apresenta alguns problemas:

“Verificou-se que a prática pedagógica, em poucos casos, contempla a interatividade das disciplinas e conteúdos programáticos.

Constatou-se que o perfil profissional requerido do moderno bacharel de turismo deixa muito a desejar na maioria dos cursos oferecidos, devido à deficiências dos agentes envolvidos.

Há que se reconhecer uma falha sistemática no processo educacional dos Cursos Superiores de Turismo, afora algumas exceções, até por descaso e por interesse imediato de algumas IES em obter retorno rápido de seus investimentos, não importando a qualidade dos cursos oferecidos.” Nascimento (2002:100).

Alguns caminhos para minimizar essas deficiências foram apontados pelo pesquisador. Trabalhar no planejamento de uma prática pedagógica interdisciplinar é um deles, uma vez que, apesar de não ser propriamente uma exigência do MEC, os órgãos avaliadores valorizam muito a sua implementação, por julgarem pertinente às exigências para formação atual. Contemplar projetos e trabalhos interdisciplinares é lançar o aluno na busca por soluções de problemas sob diversos olhares, com criatividade.

Assim sendo, para efetivação desse processo, é proposto neste estudo, um chamado “modelo de gestão” pela falta de um termo mais adequado, que nada mais é do que uma adaptação das reuniões pedagógicas. Inicia o seu desenvolvimento a partir de encontros pedagógicos entre o corpo docente. Por encontros pedagógicos entende-se aqueles que tratam exclusivamente de assuntos pertinentes à educação em si, ao ensino ou a métodos de educação. Assuntos administrativos, informativos do curso ou assuntos gerais que não se aplicam exclusivamente à discussão da prática pedagógica, ficam para outro momento mais oportuno.

Estes encontros se compõem de seis etapas, sendo as três primeiras antes do início do semestre letivo, que também poderiam ser concentrados em forma de oficinas ou jornadas, de acordo com o calendário da instituição ou a criatividade da coordenação. É fundamental a presença do coordenador do curso em todas as etapas, prestigiando e acompanhando o projeto, independente da presença do seu coordenador, que poderá ser um professor da área, indicado por ele.

A primeira etapa, seria o estudo conjunto do projeto pedagógico do curso. Interpretar e refletir sobre a responsabilidade compartilhada entre os professores nesta formação acadêmica

específica, é tarefa que muitas vezes tem sido negligenciada. É importante que cada professor reconheça o significado da sua disciplina no contexto do curso e qual o papel que lhe cabe nesta construção.

Neste primeiro encontro, antes mesmo da condução destas discussões, é imprescindível que os professores se conheçam. Uma apresentação formal, onde todos possam tomar conhecimento da formação e da produção científica de cada um e também uma apresentação informal, com a utilização de técnicas de relações interpessoais que favoreçam a aproximação e o contato humano, proporcionando estabelecimento de vínculos afetivos entre eles.

A segunda etapa se compõe, fundamentalmente, em estudos preliminares do turismo. É necessário que se construa uma base que sirva de ponto de partida para que cada docente tenha condições de identificar os pontos de contato de sua disciplina com a área em questão. Este encontro dará condições de cada professor adotar o seu conceito de turismo. De acordo com Beni (2000:37):

“...o fato de o turismo encontrar-se ligado, praticamente, a quase todos os setores da atividade social humana é a principal causa da grande variedade de conceitos, todos eles válidos enquanto se circunscrevem aos campos em que é estudado. Não se pode dizer que esse ou aquele conceito é errôneo ou inadequado quando se pretende conceituar o turismo sob uma ótica diferente, já que isso levaria a discussões estéreis...”

Por isso, a conceituação do turismo não pode ficar limitada a uma simples definição, pois que este fenômeno ocorre em distintos campos de estudo, em que é explicado conforme diferentes correntes de pensamentos, e verificado em contextos vários da realidade social.”

Isto posto, significa que este encontro pode servir para instrumentalizar o professor, inclusive, colocando-o ao par da produção científica na sua área de conhecimento e quais as fontes confiáveis e pesquisa para preparação de suas aulas. Um professor que seja bacharel em turismo, especialista ou mestre é a pessoa indicada na condução desta etapa, que também deve ser preparada com criatividade e diferentes técnicas de abordagem para se tornar atraente, evitar o cansaço e que sirva para estreitar ainda mais cumplicidade entre o corpo docente.

Para a realização desta terceira etapa, os professores devem ter em mãos os seus planos de aula, pois consiste na apresentação de cada disciplina pelo próprio professor responsável. Cada um compartilha como elaborou seu plano com os demais, para que todos conheçam os assuntos que pretendem ser abordados em sala de aula em cada matéria. Ao final de cada apresentação fica o espaço aberto para perguntas e sugestões.

Terminadas as apresentações, o grupo se reuniria para discutir os trabalhos que poderiam ser compartilhados entre as disciplinas e pesquisas em conjunto que poderiam ser desenvolvidas, envolvendo o maior número possível de professores em cada projeto.

O quarto encontro serviria para expor dificuldades, identificar problemas, discuti-los e encaminhar propostas, sob a ótica globalizadora do conhecimento (iniciar reflexão sobre a interdisciplinaridade), costurando trabalhos e projetos conjuntos, já elencados no encontro anterior. Neste momento também é importante o desenvolvimento de técnicas de relações interpessoais, pois um trabalho de equipe muitas vezes gera stress no grupo, levando-se em consideração as limitações naturais do ser humano de trabalhar em parceria.

O quinto encontro se compõe de um passeio turístico pela localidade. É importante que os professores do curso de turismo absorvam a cultura turística local e tenham um conhecimento mínimo da região em que atuam, pois é fundamental que os alunos sintam a valorização e o conhecimento da região por parte de seus professores. Também é essencial o apoio financeiro da instituição, pois um ensino e qualidade exige comprometimento de ambas as partes. Estes passeios podem ser organizados de acordo com a disponibilidade do grupo, mas é essencial que se realize, pelo menos, uma saída com todos os participantes.

A sexta e última etapa trata-se da avaliação do modelo proposto, apontando as falhas, ressaltando os pontos fortes e realizando as alterações necessárias para o avanço do processo, incluindo sugestões para manutenção deste, quando ocorrerem alterações na equipe. Neste encontro, também é indispensável o apoio das técnicas de relacionamento interpessoal, pois podem ser necessário aparar arestas que por ventura possam comprometer a continuidade da proposta. É imprescindível que aconteça ao final do semestre, coroando o final do projeto e promovendo um clima de integração entre os participantes.

Nesta sugestão de trabalho, é fundamental que não se tragam decisões prontas “de cima para baixo”. Cada idéia gerada no contexto, torna-se responsabilidade assumida pelo grupo como um todo, que responderá por suas escolhas, sendo interessante o registro oficial destes encontros. Complementando com as palavras de Lück (1994:79): “Essas idéias emergentes do contexto de professores, podem servir como indicadores para que esses profissionais hajam de modo a criar as bases para a construção da interdisciplinaridade em seu trabalho pedagógico”.

Com certeza, o apoio institucional é vital para realização desta proposta, sendo um investimento plenamente viável se visto pela ótica do custo/benefício em termos de melhoria da qualidade educacional que projetos desta natureza podem trazer, estabelecendo maior interatividade entre o processo pedagógico e o administrativo. A gratificação do corpo docente pela participa-

ção nestes encontros é um fator motivacional significativo, seja ela financeira ou criativamente elaborada, para que se sintam valorizados.

Na verdade, não existem “receitas prontas” para a efetivação de práticas interdisciplinares, assim como também não existe um “modelo ideal” que seja perfeitamente adequado à realidade de cada um. O que existe, por enquanto, é a boa vontade de alguns para que experiências desta natureza comecem a se concretizar. A reflexão é importante, mas sem ação ela se esvazia. Mais uma vez, nas palavras de Nascimento (2002:101):

“A rigor, se formos até as últimas conseqüências de nossa análise, teremos de firmar que não existe um modelo pedagógico que sirva realmente de modelo, de paradigma para os cursos superiores de Turismo no Brasil, o que não vem impedindo, até agora, certos acertos e aperfeiçoamentos”.

Dessa forma, este estudo uma vez aplicado, poderia lançar as bases para a construção da interdisciplinaridade nos cursos superiores de turismo. Acredita-se, assim, que algumas lacunas existentes possam ser preenchidas, o que não se pode mais é ficar lamentando problemas sem lançar-se ao desafio na busca pela solução.

### **Considerações Finais**

No mundo do futuro, haverá pouca oportunidade para formação humana desqualificada. Assim sendo, emerge o mais promissor de todos os setores profissionais, o da educação. Para isso, deve-se expandir mais os conceitos de excelência na administração educacional, principalmente quanto às modernas maneiras de aprender.

É necessário o estabelecimento de maior interação entre o processo educativo e o administrativo e ambos, interagindo e integrados ao ambiente externo, acompanhando os processos de transformação.

O encolhimento e o desaparecimento de diversos mercados de trabalho se configura como irreversível, independente da vontade de alguns e nada vai deter essa marcha. Não se pode mais planejar uma carreira pelo resto da vida. Existe no mercado uma procura por perfis profissionais, que algumas instituições de ensino estão sendo incapazes de formar.

É na gestão interdisciplinar que essas instituições podem depositar suas esperanças, antes mesmo da falência o sistema de ensino tradicional. Por seu caráter inovador, merece mais atenção, porque aponta novas direções para a educação, que busca novos modelos de gestão educacional para o futuro. Assim, conforme Denker (2002), as IES poderão cumprir sua missão formadora de “indivíduos pensantes” e disponibilizar ao mercado de trabalho profissionais aptos e criativos, atendendo às exigências de uma nova economia.

E, neste mesmo cenário para o qual aponta o futuro, estudos indicam que a jornada de trabalho será mais reduzida, sobrando mais tempo para o lazer e entre ele se encontra o turismo. Nele, uma educação voltada para formar, sobretudo, cidadãos, estes terão condições de acrescentar mais à sua vida em termos de crescimento emocional para valorizar e desfrutar do prazer com mais sabedoria. De acordo com Lücke (1994:56) “a educação enquanto se propões a formar cidadãos para viver uma vida em sentido mais pleno possível de modo que possa conhecer e transformar sua situação social e existencial marcada pela complexidade e globalidade, mostra necessidade de adotar o paradigma da interdisciplinaridade”.

Portanto, é o momento das IES refletirem sobre qual o caminho a seguir: continuar confortavelmente instaladas nos velhos padrões que não encontram mais lugar nesta sociedade globalizada ou lançar-se rumo à construção do ainda desconhecido, sem medo de errar. Na verdade, mesmo as que nada fizerem, ainda assim, já terão feito a sua escolha.

### **Referências Bibliográficas**

- AMORIM**, Clezio Gontijo. Modelo Sistêmico de Formação e Capacitação de Recursos Humanos no Turismo como Estratégia de Mercado e Fator Competitivo. In: REJOWSKI, Mirian e BENNY, Kramer C. (orgs). Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. (p.p. 173-228). São Paulo: Atlas, 2003.
- ANSARAH**, Marília Gomes dos Reis. Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.
- BAUER**, Ruben. Gestão da Mudança: caos e complexidade nas organizações. São Paulo, Atlas, 1999.
- BENI**, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 3ª ed. São Paulo: Senac, 2000.
- DENCKER**, Ada. Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002.
- DAVIS**, Stanley M. e MEYER, Christopher. Blur: a velocidade da mudança na economia integrada. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- FAZENDA**. Ivani. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979.
- \_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1983.
- \_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.). Didática e interdisciplinaridade. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- \_\_\_\_\_. (org.). A virtude da força nas práticas interdisciplinares. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- GEUS**, Arie de. A empresa viva: como as organizações podem aprender a prosperar e a se perpetuar. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- JANTSCH**., Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LÜCK**, Heloísa. Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- NASCIMENTO**, Renê Corrêa. Visão Estrutural da Evolução dos Cursos Superiores de Turismo: a realidade atual. Dissertação de Mestrado, USP. São Paulo: 2002.
- NETTO**, Alexandre Panosso. O Problema Epistemológico do Turismo: uma discussão teórica. In: NETTO, Alexandre P. e TRIGO, Luiz Gonzaga. Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade. (p.p. 57-86). São Paulo: Aleph, 2003.
- QUELUZ**, Ana Gracinda. Interdisciplinaridade: formação de profissionais da educação. São Paulo: Pioneira, 2000.
- RUSCHMANN**. Dóris. Turismo no Brasil: análise e tendências. Barueri, SP: Manole, 2002.
- <http://www.aprendervirtual.com.br> . Acessado em 28/07/03.